



## A pessoa e o pensamento de Foucault: a construção do 'foucaultismo'

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa.** Tradução Marcelo Jaques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 256 p. ISBN 978-85-200-0914-7

**Raquel Fregadolli Cerqueira Reis Gonçalves e Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso**

*Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. Autor para correspondência. E-mail: ievstasso@uem.br*

Em *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*, o arqueólogo e historiador Paul Veyne compõe um quadro revelador sobre os bastidores da vida de Michel Foucault, além de comentar e de proporcionar importantes reflexões a respeito dos princípios e das noções teóricas erigidas pelo filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, de 1970 a 1984. Ao longo da obra, Veyne expõe sua proximidade com o amigo filósofo e se revela leitor assíduo de suas obras, condição que lhe possibilitou estabelecer um percurso acerca de seus tratados, com vigor, precisão e originalidade. Em razão de Veyne ter partilhado da mesma formação institucional de Foucault, criaram-se as possibilidades de tecer considerações sobre os pensamentos e os pensadores que inspiraram o filósofo na consolidação de sua teoria. O tom assumido é o de homenagem a Foucault, e é sob essa orientação que o autor se manifesta em toda a extensão da obra acerca das contribuições teóricas e da personalidade foucaultiana. Entretanto, não realiza tal façanha sem questionar e justificar o ceticismo do filósofo, atribuindo-lhe o qualificativo de samurai, reconhecida postura guerreira e consagrada militância em busca de desnudar verdades. É essa a trajetória proposta aos leitores interessados nas intrigantes questões que cercam a figura de Foucault, dentre as quais a polêmica sempre em pauta, sobre a qual o leitor poderá se deleitar no modo como Veyne desmistifica a natureza estruturalista e niilista do amigo.

O ceticismo foucaultiano é, para Veyne, uma reação às verdades gerais e definitivas, pois Foucault foi capaz de se colocar à frente de sua realidade a ponto de reconhecer e de apontar as verdades que geriam a época na qual se encontrava para criticá-las. Frente à política partidária, apresentava neutralidade, sem, contudo, deixar de tomar partido em favor dos inocentes e oprimidos, posição comprovada pela menção ao movimento islâmico no mundo, o qual incitou a preocupação do filósofo com a mistura de política e religião, ou melhor, a 'espiritualidade

política' que movia o povo (islâmico, adepto a esse princípio político-religioso) ao extremo de sacrificarem suas vidas. Diante desse acontecimento, Foucault, indignado, posicionou-se favorável às questões levantadas pelos revoltosos e buscou maneiras de ele próprio se manifestar intelectualmente quanto às distâncias de princípios existentes entre as verdades ocidentais. A neutralidade de que se fala, quando o assunto é Foucault, implica, segundo o autor, um posicionamento favorável à humanidade, e não à política, movimento em prol da verdade 'desmascarada'. E é por meio de histórias como essas que Veyne recheia sua obra, tornando-a diferenciada dos livros construídos sob a égide da teoria foucaultiana. A obra vai além dos fundamentos foucaultianos, consolidando uma interessante biografia do filósofo. Para Veyne, a postura e a capacidade intelectual de Foucault designavam suas teorias e marcavam sua personalidade. A neutralidade constituinte dessa personalidade aufere-lhe não um posicionamento, mas o modo de compreender e de questionar a verdade como princípio crítico. A despersonalização era, assim, posição dupla assumida por Foucault, ora como o peixe dentro do aquário, participando das condições desse ambiente, ora como um peixe fora dele, observando-o de fora e vendo suas limitações. Por isso, ele era, de longe, muito diferente de seus colegas de faculdade, visto que as coisas que o intrigavam serviam de sustento para seus pensamentos; eram a presença de um fundamento em todas as doutrinas: a existência de 'verdade(s) absoluta(s)'. É no caminho para a verdade que Foucault empenha sua vida e seus estudos, razão para Veyne denominar foucaultismo uma teoria libertária, que recusava dogmas, dada a condição da verdade ser perecível. Não se trata de uma teoria prescritiva, mas a que fornece conhecimento. Por essas características específicas de Foucault e de sua teoria, Veyne se mostra no livro um admirador do

trabalho de Foucault, tanto que, para ele, o amigo não é apenas um professor, mas um conselheiro para seus alunos.

O princípio dessa obra identifica Foucault cada vez mais com um investigador, na medida em que ele se ocupa do fato, da realidade. Ele não se reconhece historiador, dado que, para ele, escrever a história era conceituá-la e era isso o que ele não queria fazer. Nesse sentido, a história é construída pela 'causalidade histórica': nenhum fator prima sobre outro fator, mas são confluentes, são recíprocos. Nesse raciocínio, explicam-se duas noções bastante caras a Foucault, a descontinuidade ('causalidade histórica') e a singularidade. De acordo com Foucault, todas as coisas humanas são singulares. A singularidade é característica dos discursos: ao mesmo tempo em que é estranha e não cabe na generalidade, é cada um dos discursos único em sua espécie. Para esclarecer melhor a questão do discurso, importa compreender as práticas concretas de poder, seus instrumentos e seus procedimentos. Na direção apontada por Foucault, os discursos são práticas reais, mas é na invisibilidade do discurso que se encontra o que lhe é singular a cada acontecimento da história.

Veyne ressalta que os discursos, na teoria foucaultiana, contemplam descrições concisas e precisas de uma formação histórica a qual, em sua nudez, atualiza uma singularidade datada que despe o acontecimento daquilo que o banaliza e racionaliza. Trata-se da materialização de verdades que amparam e são amparadas pelos dispositivos, uma vez que os discursos põem em jogo elementos que os cercam como os costumes, as leis, as normas, as instituições, entre outros. O autor chama a atenção para o fato de que as verdades incorporadas nos discursos e sustentadas pelos dispositivos, sob a perspectiva foucaultiana, configuram a mentalidade de uma época. Dessa forma, as verdades não podem ser consideradas absolutas, mas o que moldam comportamentos e condutas em função de seu caráter prescritivo: aquele que diz a verdade merece ser obedecido, daí a relação de saber e de poder. Além disso - destaca o arqueólogo - o poder, sob tal fio condutor, não se reduz a saberes institucionalizados ou especializados, pelo contrário, sustenta-se pelo dizer verdadeiro de um dispositivo que tem o poder de se fazer obedecer e configura os sujeitos para a obediência. O poder está, assim, nas relações com o saber, ou seja, com o dizer verdadeiro. Daí, a relação saber e poder ser a 'marca registrada' de Foucault, haja vista que, observa o autor, se há poder em toda parte, há também liberdade. Por essas ponderações, Veyne esclarece por que, segundo Foucault, o poder não deixa de existir, modifica-se e se

mantém pela obediência (disciplina), ao mesmo tempo em que os sujeitos são livres para serem resistentes ou não. Nessa ordem, aponta para o modo como a liberdade se exerce em meio às condições de sua época, para se compreender que não se pode querer qualquer coisa em qualquer época, já que um momento histórico configura-se pelos dispositivos sociais, políticos e culturais que caracterizam uma determinada sociedade em uma determinada época. Dessa forma, o dispositivo constitui o obstáculo contra o qual o pensamento pode ou não reagir. Nesse ínterim, o discurso é responsável por comandar, organizar, reprimir e persuadir e de por em contato ou em conflito regras e indivíduos. O que permite que o sujeito reaja a favor de sua liberdade é o pensamento, que revela a consciência das relações, conforme Veyne, fator que levou Foucault a ser incompreendido à época. O reverso da moeda é o que dele se considera na contemporaneidade.

O leitor desta obra de Veyne requer leituras prévias sobre a teoria foucaultiana para que seja possível compreender o que o autor sugere ser 'foucaultismo'. Não se trata de uma obra que resume a teoria, mas que revela o modo como o pensamento e a pessoa de Foucault era indissociável, como suas características pessoais constituíam o seu pensamento. Como o próprio autor declara, Foucault não era uma pessoa comum, sua filosofia, seu modo de ver, de compreender e de encarar as coisas tinha como fundamento encontrar aquilo que estava escondido, implícito e que mascarava, ao mesmo tempo, as amarras e as brechas de liberdade que envolviam sujeitos. Seu objetivo era trazer à luz a(s) verdade(s) que subjetiva(vam) os sujeitos.

Para Veyne, Foucault deslumbrava seus leitores, e esse encantamento ainda permanece. As polêmicas sempre em pauta sobre sua pessoa e seu pensamento são a tônica da discussão trazida e esclarecida na obra. Para o amigo-autor, Foucault foi um defensor dos fracos e oprimidos, um 'reformador pronto para o combate'. Trata-se de obra interessante àqueles que buscam reflexões aprofundadas sobre um dos mais importantes filósofos do nosso tempo. Nas palavras do autor: elegante, investigador, crítico, sangue-frio, corajoso, inflexível, irônico e isento de mediocridade.

*Received on August 9, 2012.*

*Accepted on August 16, 2012.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.